



"COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL



Falando do prolixo...

Um sábio já disse: "Sei que nada sei". Portanto, distante de ser sabidão, não me envergonho se ainda me surpreendo, ignorante, com palavras cujo significado desconheço.

Felizmente, hoje, a Internet e sua velocidade nos salvam. Não sabemos? Vamos ao Google. Prático. E a resposta não tarda.

Nos anos 70/80, sem Internet, não era bem assim. Até você encontrar um léxico do Aurélio, abrir na página certa e localizar um em meio a milhares de verbetes, levava um tempão.

Nesses idos, egresso do rádio, eu era um "foca" no jornalismo de televisão - apelido dado ao estreante na profissão. Numa das primeiras matérias que fiz, cobri a inauguração de obras em um distrito rural, hoje emancipado, pertencente a um município vizinho de Montes Claros. Era uma promessa que o então candidato fizera na campanha e que finalmente, quase quatro anos depois, como prefeito, cumpria. Vale lembrar que as obras aconteceram às portas de um novo pleito municipal, oportunas, diríamos.

O distrito estava há dias em alvoroço e as obras merecendo total regozijo dos moradores. Praticamente, todos da comunidade - homens, mulheres e crianças - e de suas adjacências estavam reunidos na quermesse da pracinha da Igreja, onde não faltou o tradicional leilão com bolos, doces e frangos assados. A pracinha estava uma beleza. Ganhava até bancos para o povo sentar nos cascos do dia e ver o tempo preguiçoso passar. Troncos de árvores e meios-fios receberam generosas pinceladas de cal e a igreja ostentava pintura nova.

Entrevistei o padre e o povo. Foram unânimes no agradecimento e nos elogios ao jovem prefeito pelo serviço prestado - o que o ajudaria a se reeleger alguns meses depois.

Então, finalmente, chegou a hora de fechar a matéria e retornar rapidinho à emissora - que a exibiria ainda na noite daquele dia. A equipe já demonstrava cansaço. Faltava apenas ouvir o prefeito, que não se continha de júbilo em meio ao povo a enaltecê-lo. Conseguimos,

com alguma dificuldade, afastá-lo para um canto. Quando fiz a primeira pergunta, ele consumiu intermináveis minutos na resposta. À segunda, dedicou um espaço ainda maior. Na terceira, quase nos fez cochilar.

Quando demos a entrevista por encerrada e desligamos os equipamentos, o prefeito perguntou:

- *Você não acha que fui um pouco... prolixo?*

Olhei para os cantos. Prolixo? Mas, que diabo! Que droga de palavra é essa? Nunca a ouvira, até então. Aí veio a dúvida: se respondo que, sim, o prefeito foi prolixo, isso é ruim? E se ele não foi? É bom? Afinal, respondo o quê?

Socorro! O que é prolixo? Cadê o Aurélio?

Enquanto minha ignorância tentava compreender o significado da tal palavra, a cara do prefeito era de quem esperava resposta imediata.

- *Fui ou não fui? Seja sincero* - acentuou, amistosamente.

- *Prolixo?* - respondi, perguntando.

- *Sim. Se quiser, gravamos tudo de novo...*

- *Gravar tudo de novo?*

- *Não!*

Ninguém merece. Decidi, então, responder, tentando a sorte.

- *Ora, prefeito, claro que não! Imagina!*

Ele suspirou, pareceu satisfeito e aliviado. Ufa! Eu também!

De volta à redação, logo recorri ao dicionário para saber o que é prolixo: no caso do prefeito, "uma pessoa que fala muito - e não diz nada que realmente valha a pena ouvir." Imagina se eu respondo que sim. Teria de gravar tudo de novo. Ou seja, todo o tal do prolixo de novo.

(*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.



